



**OS ESTUDOS CULTURAIS NA AMAZÔNIA: A INFLUÊNCIA DO REGIONALISMO  
DE GILBERTO FREYRE EM LEANDRO TOCANTINS E ARTHUR CÉZAR REIS  
(DÉCADA DE 1960)**

LAURIANO MIRANDA DA SILVA<sup>1\*</sup>

ALEXANDRE PACHECO\*\*

LÍLIAN MARIA MOSER\*\*\*

**RESUMO:**

No presente trabalho objetivamos fazer uma análise da formação dos Estudos Culturais na Amazônia e mostrar como os escritores Leandro Tocantins e Arthur Cézar Ferreira Reis foram influenciados pelo regionalismo de Gilberto Freyre ao terem incorporado em suas análises sobre a história da Amazônia posições e valores dos chamados setores tradicionais diante das forças sociais que emergiram no país a partir dos anos de 1960. Neste sentido, pretendemos discutir como estes estudiosos da Amazônia representaram na região Norte a força das ideias regionalistas, tradicionalistas e modernistas a partir do espírito literário que suas obras assumiram.

**Palavras-chave:** Estudos Culturais, Amazônia, Gilberto Freyre, Leandro Tocantins e Arthur Cézar Ferreira Reis

**ABSTRACT:**

This work aimed to analyze the formation of Cultural Studies in the Amazon and show how Leandro Tocantins writers and Arthur Cézar Ferreira Reis were influenced by regionalism Gilberto Freyre to have incorporated in their analysis of the history of the Amazon positions and values of so-called sectors traditional face of social forces that emerged in the country from year 1960. In this regard, we intend to discuss how these scholars Amazon represented in the North the strength of regionalist ideas, traditionalists and modernists from the literary spirit that took his works.

**Key-words:** Cultural Studies, Amazon, Gilberto Freyre, Leandro Tocantins and Arthur Cézar Ferreira Reis

---

\* Mestrando na Universidade Federal de Rondônia no Mestrado em História e Estudos Culturais. Bolsista da CAPES. [lauryyano@gmail.com](mailto:lauryyano@gmail.com).

## 1. AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS CULTURAIS NA AMAZÔNIA

Dentro dos estudos culturais na Amazônia temos diversos autores que contribuíram para os estudos amazônicos entre eles Euclides da Cunha (2006), Leandro Tocantins (1982), João de Jesus Paes Loureiro (1995), Neide Gondim (1994), Artur César Ferreira Reis e até mesmo Gilberto Freyre, cada um desses autores analisaram a cultura amazônica através de seus olhares e estudos sobre a região.

Cunha (2006) em *À margem da História* no capítulo *Terra sem História (Amazônia)* o autor traz suas contribuições para os estudos culturais na região Amazônica, analisando através de suas impressões, pois o mesmo esteve na região realizando estudos e pesquisas. Em sua obra ele faz atribuições em seus aspectos geográficos caracterizando a paisagem, hidrografia dos rios, a fauna e a flora da Amazônia. Para ele “a Amazônia é talvez a terra mais nova do mundo” relatando sua gênese. Cunha também utiliza diversos autores que estiveram presentes na Amazônia para corroborar com seus estudos.<sup>2</sup>

Leandro Tocantins natural da região amazônica descreve também a paisagem da Amazônia, enquanto cientista social preocupou-se com os perigos que ocorrem na região e questiona a falta de um equilíbrio entre o homem e a natureza. Em sua obra *Amazônia: Natureza, homem e tempo* é um trabalho voltado para conscientização e proteção de nossa região amazônica.<sup>3</sup>

Diferentemente de outros autores que escreveram sobre a região amazônica João de Jesus Paes Loureiro em sua obra *Cultura amazônica* propõe outro olhar para descrever a região, no capítulo *A poética do imaginário* o autor comenta que esse olhar seria:

*A partir de um ângulo de abordagem que tenha como resultante ponto vélico impulsionador, a sua esteticidade dominante. Uma esteticidade entendida como*

<sup>2</sup> CUNHA, Euclides da. *À margem da História*. São Paulo: Martim Claret, 2006.

<sup>3</sup> TOCANTINS, Leandro. *Amazônia – Natureza, Homem e Tempo: uma planificação ecológica*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército/ Editora Civilização Brasileira, 1982.

*função essencial ao homem, vetor de identidade numa sociedade dispersa, fortalecedora dos entrelaçamentos da comunidade. Análise da qual, postulando o rigor crítico de uma visão científica, se reconheça “a causalidade decorrente complexa indivíduo-sociedade assim como as causalidades entre sociológico, o político, o econômico, o demográfico, o psicológico, etc”, e que possa ter como componente de aproximação intuitiva e compreensiva a emoção que sua cultura desperta (LOUREIRO, 1995:21).*

O que o autor propõe é que para analisar a Amazônia devemos visualizar a sua exterioridade a partir de um ângulo, mas, profundo para compreender a cultura e a vivência entre o homem e a natureza amazônica.

Gondim (1994) escreveu uma obra que tem por título *A invenção da Amazônia*, onde ela comenta que a Amazônia não foi descoberta e sim inventada, através de relatos dos viajantes cronistas, missionários que para região vieram. Autora afirma que, no entanto, “[...] contrariamente ao que se possa supor a Amazônia não foi descoberta, sequer foi construída; na realidade, a invenção da Amazônia se dá a parti da construção da Índia, fabricada pela historiografia greco-romana” (GONDIM, 1994:9). Sabemos que esses viajantes vieram para cá na busca de um paraíso com um imaginário fabuloso, um lugar fantástico, na busca de um El Dourado.

## **2. Gilberto Freyre e o poder de sua imagem: a representação do poder da imagem individualista, personalista e espontaneísta de Gilberto Freyre no campo da lusotropicologia**

O presente trabalho tem por objetivo mostrar as relações de Freyre com os escritores Leandro Tocantins e Arthur César Ferreira Reis, bem como a recepção e incorporação por parte destes das idéias de Freyre que acabaram por se constituir em exemplos da legitimação de sua imagem personalista, individualista e espontaneísta no campo de discussão intelectual, sobretudo da chamada lusotropicologia e sua relação possível com os estudos sobre a Amazônia nos anos de 1960.<sup>4</sup> Veremos também como essa recepção acabou

---

<sup>4</sup> A lusotropicologia seria para Freyre “uma ciência que pode tornar-se policy science no seu aspecto mais nítido de ciências orientadora da ação: ação de Estadista, de Administradores, de Diplomatas, de Missionários, de Educadores, de Industriais, de Agricultores. Neste caso, ciência que orienta, sem aceitar de quem que quer seja a encomenda ou tarefa de prover ou suprir homens de ação de matéria apenas conveniente aos seus propósitos, em vez de esclarecedora, orientadora e até modificadora de decisões ou atitudes.” FREYRE, Gilberto. **Problemas Brasileiros de Antropologia**. 4ª Ed, José Olympio/MEC, Rio de Janeiro, 1973. P.49. De acordo com Ribeiro, “a lusotropicologia enquanto policy science tem como

por legitimar não só figura de Freyre neste campo acadêmico-literário, como também diante do poder. Gilberto Freyre teve uma longa correspondência com Leandro Tocantins e com Artur César Ferreira Reis. Neste sentido possuíram relações tanto no campo intelectual como no campo do poder.

Vejamos.

Leandro Tocantins prefaciando o livro “A Amazônia brasileira e uma possível Lusotropicologia”, publicado pela SPVEA (Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia) em 1964, como resultado da conferência de mesmo nome realizada por Freyre no Instituto de Antropologia Tropical da Faculdade de Medicina da Universidade do Recife, ele comenta que, a nossa Amazônia começaria a fazer parte do discurso de Freyre a partir dos trabalhos que passou a realizar na conferência “A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia”, pois, segundo o autor [...] “todos nós, amazônicos, que admiramos a obra de Gilberto Freyre, lamentávamos a sua não direi ausência, mas o seu critério em *passant* com relação à grande área do norte do país” (FREYRE, 1964:3).

Quando Gilberto Freyre passou então a se interessar pela região amazônica? Com a sua vocação regional e internacional, explica Tocantins, seria questão de tempo o autor de Casa Grande e Senzala se interessar pela grande região e seu imenso potencial ecológico. Segundo o autor, parece que o interesse de Freyre sobre a identificação com a Amazônia ganhou decisivo impulso depois de uma visita mais demorada a Manaus e Belém, que empreendeu no ano de 1958. Tocantins ainda acrescenta que:

*É assim que em 1960 Gilberto Freyre já dizia, com ênfase, no prefácio de seu livro ‘Brasis, Brasil, Brasília’: ‘Nada de desprezarmos a Amazônia: sem um contacto com Manaus, Belém, a selva amazônica, ninguém pode considerar-se ou dizer-se completo em sua visão do Brasil’ (Id, 1964. p. 3).*

---

propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicais. [...] A lusotropicologia não é somente uma ciência, é também uma filosofia social e política que visa conciliar o regional e o universal através de uma federação de cultura de origem predominantemente, mas não exclusivamente, lusa.” RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999. P.37

Entretanto, mais do que uma suposta viagem para a região, a conferência feita por Gilberto Freyre “A Amazônia Brasileira e uma possível luso-tropicologia” seria para Tocantins uma prova de que Freyre começou a:

*[...] ver e a sentir uma área ecológica de nosso país com o seu agudo poder de observação e análise. Tratando-se de um assunto que toca diretamente à sensibilidade regional, a iniciativa está fadada a receber os aplausos de quantos esperam reunir em torno da Amazônia as inteligências mais lúcidas, como a de Gilberto Freyre, no propósito cívico de, através do estudo, da análise, da interpretação da região, trazê-la para mais perto do Brasil que ainda não chegou a descobri-la, a assegurar-lhe os meios seguros e hábeis para uma verdadeira integração regional no processo dinâmico da civilização brasileira ( IBID., Pp.3-4).*

Dessa forma vemos como o enaltecimento da capacidade de observação, análise e sensibilidade no trato das questões regionais e o reconhecimento do talento individual de Freyre, que tanto impressionaram Tocantins fornecem imagens do individualismo e do personalismo em relação ao escritor e à sua obra. Capacidades e talento capazes de impressionar Tocantins a ponto de chamá-lo de uma “das inteligências mais lúcidas” do Brasil que, por um lado, é capaz de demonstrar o poder de representação não só do intelectual como do homem Gilberto Freyre junto a esse campo.

Assim é que Tocantins no final do prefácio que escreveu para a Conferência “A Amazônia brasileira e uma possível Lusotropicologia”, novamente elogia Freyre. Conferência que foi editada pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia, da qual o próprio Tocantins e Arthur Reis fizeram parte à época como burocratas. Elogios que giram em torno do aporte que Freyre a partir de sua lusotropicologia forneceu para o estudo da Amazônia do ponto de vista ecológico e que foi de grande importância, pois, Freyre trouxe novos métodos e análises para poder compreender a sociedade amazônica, ao mesmo tempo em que o personalismo do autor ligado à sua obra é também enaltificado quando fala em uma “rica personalidade de Gilberto Freyre”.

Ainda Tocantins ressalta:

*Penso que o presente trabalho de Gilberto Freyre poderá abrir novos rumos para interpretação de fatos e problemas amazônicos, dentro do ângulo geográfico, sociológico, antropológico, econômico e histórico. Uma*

*interpretação que seja ecológica lusotropicalista, da qual Arthur Cezar Ferreira Reis, como historiador por excelência da Amazônia, já reconheceu aplicabilidade na região, usando estas palavras no livro "Gilberto Freyre, sua ciência, sua filosofia, sua arte": "Quando Gilberto Freyre elaborou a tese vitoriosa do lusotropicalismo, evidentemente não pensara em termos de Amazônia. No entanto, a colonização portuguesa da Amazônia fora realizada dentro daquelas linhas de ação que a distinguiram por toda a parte onde a processaram, consagrando o acerto da teoria". Pois, senhores, está dito, aqui, em rápidas palavras, alguma coisa da rica personalidade de Gilberto Freyre, e, em especial, de sua teoria lusotropicalista que pela primeira vez ele aplica no processo de humanização da Amazônia. Não será justo adiar o prazer do leitor em conhecer sua "possível lusotropicologia" em relação ao espaço amazônico. Um "possível" que se torna em certeza. Ainda bem que todos nós podemos repetir certo crítico estrangeiro. "God be praised - Freyre can write". Graças a Deus, ele escreve muito sobre estes Brasis (IBID., p. 4).*

Na dissertação de Odeney de Souza Ribeiro cujo título é *Região e conciliação* publicada em 1999, encontramos na obra da autora assuntos importantes relacionados à Gilberto Freyre, Leandro Tocantins e Arthur César Ferreira Reis, sobre a questão do “regionalismo” discutido pelos autores com suas especificidades locais. Autora comenta que:

*O regionalismo instaura um diálogo entre Gilberto Freyre e Leandro Tocantins, indicando que através de tal perspectiva os autores citados assumem a tarefa de realizar uma conciliação entre os setores tradicionais e novas forças sociais emergentes no país e em suas respectivas regiões. [...] O regionalismo constitui um importante momento na história do pensamento e da vida política brasileira; através deste movimento Gilberto Freyre projetou-se no cenário nacional e internacional como uma das mais brilhantes inteligências brasileiras. O movimento regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista orientou não só a reflexão de um grupo de intelectuais do Nordeste, sua força atravessou todo o país, suscitando debates sobre a vida regional e a tradição fora do eixo nordestino. Na região Norte Leandro Tocantins e Arthur César Ferreira Reis são expressões da força adquirida pelas idéias regionalistas e tradicionalistas do Recife, suas obras estão imbuídas não só do espírito regionalista, mas também se desenvolvem à sombra do método genético-ecológico base da luso-tropicologia (FREYRE, 1964:5).*

Ribeiro particulariza sua dissertação trabalhando com Gilberto Freyre e Leandro Tocantins. Especificando que o regionalismo instaura um diálogo entre os dois autores, indicando que através de tal perspectiva os autores citados assumem a tarefa de realizar uma conciliação entre os setores tradicionais e novas forças sociais emergentes no país e em suas respectivas regiões. Para a autora o modo de operar essa conciliação é retomar o passado e os valores tradicionais como fundamentos de uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos.

Para ela:

*A valorização da tradição regional é um meio encontrado por Gilberto Freyre para restaurar o equilíbrio sócio-político e cultural entre as regiões brasileiras, dessa forma a experiência histórica de lusos, ameríndios e africanos, em solo tropical, se preservaria frente à uniformização e estandardização dos valores estrangeiros (RIBEIRO, op. Cit., p. 5).*

Como então expressaria a conciliação em Leandro Tocantins na Amazônia? Ribeiro levanta uma hipótese dizendo:

*Se a obra de Freyre expressa uma necessidade de conciliação entre os setores agrários tradicionais e os urbanos-industriais no plano nacional, a obra de Leandro Tocantins expressa uma conciliação, entre os setores extrativistas tradicionais e os setores econômicos que emergem dos planos de valorização da Amazônia, na região Norte. A noção de conciliação é uma chave oportuna para se empreender uma leitura conjunta da obra de Gilberto Freyre e de Leandro Tocantins (IBID, p. 9).*

O que Ribeiro fez em sua pesquisa foi procurar evidenciar que por trás do anseio científico do regionalismo, principalmente do método genético-ecológico e da lusotropologia jaz um interesse simplório de harmonizar “o tradicional e o moderno, as forças agrárias e as urbano-industriais emergentes nas décadas de 20 e 30”. (IBID, p. 10)

Cabe ressaltar que a problemática da autora em sua pesquisa, trata-se de investigar de que maneira Leandro Tocantins se amolda nos ideários de Freyre para explanar a experiência lusa no Norte do Brasil.

Segundo Ribeiro a sugestão metodológica de Freyre, para explicação e interpretação de nossas raízes permitiu uma nova perspectiva da experiência indivíduo no trópico. Para autora:

*[...] a mesma saudade telúrica que o animou, inspirou Leandro Tocantins a realizar uma interpretação histórico-sócio-ecológica da Amazônia. Seguindo as sugestões de Freyre, Tocantins, propôs uma amazonotropologia, disciplina capaz de interpretar a Amazônia através do critério, não só, regional, como também transregional (IBID, p.10).*

### **3. O lusotropismo, Regionalismo e Amazonotropologia**

De acordo com Ribeiro [...] “na perspectiva de Gilberto Freyre o Brasil é a expressão pioneira de um novo tipo de cultura e civilização que se desenvolveu no espaço ou no ambiente tropical, isto é, uma civilização moderna e ao mesmo tempo

ecológica” (IBID., p.15). Gilberto Freyre não hesita em afirmar que a lusotropicologia é:

*Uma ciência que pode tornar-se “policy science” no seu aspecto mais nítido de ciências orientadora da ação: ação de Estadista, de Administradores, de Diplomatas, de Missionários, de Educadores, de Industriais, de Agricultores. Neste caso, ciência que orienta, sem aceitar de quem que quer seja a encomenda ou tarefa de prover ou suprir homens de ação de matéria apenas conveniente aos seus propósitos, em vez de esclarecedora, orientadora e até modificadora de decisões ou atitudes “(FREYRE, op. cit., p.49).*

Ribeiro corrobora dizendo:

*A lusotropicologia enquanto policy science tem como propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicais. [...] A lusotropicologia não é somente uma ciência, é também uma filosofia social e política que visa conciliar o regional e o universal através de uma federação de cultura de origem predominantemente, mas não exclusivamente, lusa (RIBEIRO, op. cit., p.37).*

De acordo com Leandro Tocantins a Amazônia, é “uma formidável ilha ao mesmo tempo ecológica e sociológica, na apreciação de Gilberto Freyre, ou ainda na maneira que este propõe, um como trópicos úmidos e trópicos secos” (TOCANTINS, 1969:39). Todavia, determinado por essa visão, o autor analisa partes integrantes da Amazônia, área que se diferencia na região pela marca de uma exploração humana ditada pelo extrativismo e profundamente condicionada, no seu processo sócio-econômico, pela água e pela floresta. A partir das ideias proposta por Gilberto Freyre, Leandro Tocantins propõe um sub-campo de estudo denominado *amazontropicologia*, especialização regional da lusotropicologia, capaz de interpretar o esforço criador do homem na Amazônia e orientar a partir de seus resultados uma ação política global para a Amazônia. Leandro Tocantins explica que:

*[...] No curso sobre a problemática amazônica, lembrei – lançando plenamente a idéia, - a necessidade de um esforço brasileiro para a criação de novo campo de estudos: a amazontropicologia, em que fossem incluídos os problemas globais da área, com objetivo científico de aplicar esses conhecimentos em proveito do próprio meio, e de acordo com as necessidades regionais. Uma amazontropicologia que seria desdobramento da lusotropicologia recomendada pelo professor Gilberto Freyre, pois a Amazônia é um trópico singular (ID , 1969. p.39).*

Para Ribeiro, a amazontropicologia enquanto processamento de análises e investigações vai em colisão das necessidades da Amazônia, “a fusão do estudo antropológico

com o estudo sociológico para dar conta do ethos amazônico está baseado no que Freyre denomina “policy science”, ciência orientadora da ação” (TOCANTINS, 1972:17).

Sobre a policy science Gilberto Freyre explica que:

*O que há de ‘policy science’ no possível Lusotropicologia que vem sendo esboçada no Brasil nos últimos anos está longe de corresponder a uma encomenda partida de executivo de qualquer espécie. As possibilidades que aí se sugerem de ação conjunta do Brasil e dos modernos Portugais no sentido de melhor articulação de suas semelhanças e de melhor harmonização de suas diferenças para que se avigorem valores e técnicas comuns a um sistema binacional de cultura predominantemente, mas não exclusivamente, européia, em desenvolvimento, cada dia maior, nos trópicos, representa esforço, em grande parte, baseado em estudo cientificamente social de tais valores e técnicas; de sua adaptabilidade a condições tropicais de vida; de sua adaptabilidade a condições moderna e futuras [...](FREYRE, 1973:50).*

Ribeiro comenta que esse caráter orientador da ação conferido a lusotropicologia por Gilberto Freyre e assimilado como diretriz da amazotropicologia por Leandro Tocantins é expresso em uma conferência pronunciada na faculdade de arquitetura do Pará, em junho de 1965, com o título arquitetura e paisagismo na Amazônia. “Nesta conferência Leandro Tocantins aponta a necessidade da arquitetura local se desvincular aos valores e padrões arquitetônicos estrangeiros deslocados da realidade sócio-cultural e ecológica da Amazônia” (RIBEIRO, 1999:55)

Em comum acordo com Gilberto Freyre, Leandro Tocantins acredita que, nos valores tradicionais brasileiros e regionais, exista um sentido de contemporização que equilibra os múltiplos valores culturais, étnicos e ecológicos que compõe as culturas regionais e a brasileira.

Ao aderir os fundamentos regionalistas sugerido por Freyre, Ribeiro comenta que Leandro Tocantins restabelece os valores tradicionais da região Norte “por meio de uma intensa discussão sobre a arquitetura, a cozinha, o sincretismo religioso, a música, as danças e outras expressões da vivência, regidas no espaço amazônico pela economia extrativa” (ID, 1999. p. 60). O trabalho desenvolvido por Leandro Tocantins ostenta no plano regional um atributo parecido a de Gilberto Freyre no plano nacional, isto é, “conciliar os valores tradicionais com os valores modernos em meio às mudanças histórico-sociais em curso no Brasil” (IBID., Pp.63-64).

Nos trabalhos desenvolvidos por Gilberto Freyre, os acontecimentos histórico-sociológicos se desdobram de acordo com Ribeiro, entre duas forças “casa-grande e senzala, sobrados e mocambos, passado e presente, tradicional e moderno, cuja a relação a astúcia do tempo concilia em novos arranjos societários capaz de manter viva nossas raízes” (IBID., p.91). Após a autora verificar como o argumento de conciliação aparece na obra de Freyre, ela busca situar esse mesmo argumento em alguns momentos da obra de Leandro Tocantins.

Leandro Tocantins e Arthur Cézar Ferreira Reis são os mesmos do lusotropicalismo amazônico. De acordo com Ribeiro, ambos procuram interpretar a formação histórico-social da Amazônia em função da criatividade lusa e das predisposições biopsíquicas do português de fixar-se e integrar-se nos trópicos. Para a autora:

*Esse argumento nos revela que as três características – mobilidade, miscibilidade e aclimatabilidade que Gilberto Freyre condensou na idéia de plasticidade – são também chaves para interpretar a colonização portuguesa na Amazônia. Nessa perspectiva o complexo cultural amazônico é visto como resultado de uma atividade econômica que exigia uma constante mobilidade; de uma miscigenação na qual o índio constitui figura central e uma adaptação ao um meio ecológico quente úmido amazônico (id., 1999:96-97).*

Vejamos, entretanto, como Freyre a partir do campo da lusotropicologia se legitimou diante do poder ao se relacionar de forma personalista com outro intelectual voltado aos estudos amazônicos, Arthur Reis. Gilberto Freyre na Conferência “A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia” comenta que:

*Notável é a contribuição que para uma interpretação lusotropical da Amazônia hoje brasileira vêm trazendo o Professor Arthur Reis e seus discípulos. O historiador Arthur Cezar Ferreira Reis é especialista já antigo no estudo não só histórico-econômico como histórico-social de uma das mais importantes regiões não apenas brasileiras como lusotropicais: a amazônica. Mas especialista em matéria regional que não se esquece do conjunto não apenas nacional como binacional a que pertence a mesma matéria quer como paisagem, quer como história ou como cultura: resposta, primeiro portuguesa, depois lusobrasileira, ao desafio, ao homem civilizado, da selva mais agrestemente tropical com que se tem defrontado um povo moderno em qualquer parte do mundo (FREYRE, 1964:5).*

Sendo que a partir dessas palavras, Freyre continua a rasgar elogios a Arthur Cézar Ferreira, afirmando que o mesmo naquele momento teria sido um [...] “historiador atento ao fato econômico tanto quanto ao político, ao traço social tanto quanto ao cultural, da formação brasileira da Amazônia que nos pertence” [...] (Id., 1964:6). Também procurou destacar como a

interpretação de Reis sobre a Amazônia teria traços dos chamados estudos lusotropicais, a partir de suas análises sobre a contribuição que o português e depois o brasileiro tiveram no processo de ocupação ou domesticação do ambiente amazônico, no transcurso de séculos de colonização. Os trabalhos realizados por Arthur Reis enquanto pesquisador a respeito do passado da Amazônia, de acordo com Freyre:

*[...] juntam-se aos do ecologista Gastão Cruls, aos do folclorista Peregrino Junior, aos do antropólogo Eduardo Galvão, aos dos geógrafos Gilberto Osório e Eidorf Moreira, aos do etnógrafo Frei Protásio Friel, aos do também historiador Leandro Tocantins, com afirmação de moderno domínio científico, do ponto de vista principalmente luso-americano ou especificamente brasileira, sobre a Amazônia: sobre a sua população considerada como objeto de estudo antropológico e histórico-ecológica. Sem esse estudo, dificilmente serão os problemas amazônicos encarados como merecem pelo governo brasileiro ( IBID., p. 6).*

A partir dos estudos de Reis sobre a Amazônia, Gilberto Freyre diz:

*A Amazônia é decerto - mostram-no principalmente os estudos do Professor Arthur Reis - parte integrante do imenso mundo tropical que, na Sul América, representa grande parte de seu conteúdo espacial. "Não queremos deter-nos" - escreve a propósito o Professor Arthur Reis, a quem já pode ser dado o título de lusotropicologista - nos grupos de primitivos que nela viviam, a época da chegada dos luso-brasileiros e dos ingleses e holandeses que a pretenderam conquistar, ou nela ainda vivem, dispersos em pequenos núcleos que procuramos incorporar defendendo-lhes a cultura material e espiritual e assegurando-lhes direitos à existência (FREYRE, 1964:9).*

A importância do apoio de Arthur Reis apresentada para a ampliação de uma possível lusotropicologia, estaria para Freyre ligada ao “critério antropológico-social, ou antropológico-cultural, de caracterização da Amazônia, como subárea brasileira” (FREYRE, 1964:7) utilizada por Reis em uma conferência no Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.

Freyre também comenta que Reis no Brasil era um pesquisador sintonizado ao com as peculiaridades amazônicas, justamente por ter exercido cargos importantes na administração pública local. De acordo com ele:

*Seu conhecimento do extremo Norte do nosso País, revelado em obras valiosas, ganhou ultimamente em objetividade através do exercício de funções administrativas que para êle estiveram longe de ser apenas burocráticas: por algum tempo as de Superintendente do Plano de Valorização Econômica da*

*Amazônia; depois as de diretor de um Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, com sede em Manaus (FREYRE, 1964:6).*

Dessa forma, mais do que ter possuído experiências burocráticas em tais órgãos, Reis teria conseguido aliar sua experiência de estudioso para desempenhar ao seu modo, como indivíduo consciente e utilitário, ações objetivas a partir da realização de intervenções no ambiente amazônico, como foi o caso de suas contribuições não só para a criação da própria Superintendência do Plano de Valorização Econômica, como o fato de ter estado à frente da mesma como superintendente<sup>5</sup> à época de Vargas. Os elogios que Freyre tece a Reis, entretanto, além de se colocar como manifestação da vida literária no Brasil como discutimos acima, nos dizem muito, por outro lado, sobre o campo das relações dos intelectuais e o poder.

Assim, vemos que as relações de Gilberto Freyre com Arthur Reis e Leandro Tocantins geraram além de cartas e elogios, a publicação de livro, como também o convite para que Arthur Reis participasse como conferencista dos Seminários de Lusotropicologia. Segundo Miceli, esse tipo de legitimação intelectual e ética no campo das relações dos intelectuais em suas relações com a classe dirigente política, tornou-se requisito para que muitos escritores dispusessem de influência nas diversas esferas do poder de Estado a partir da era Vargas, como foi o caso de Freyre em sua relação com Reis e Tocantins. Sendo que a partir dos anos de 1950, ainda de acordo com Miceli, os trabalhos de colaboração das elites intelectuais revelaram-se de grande valor social para as classes dirigentes, a partir das recompensas que recebiam não só em termos pecuniários, mas, sobretudo em termos dos títulos e prestígio advindos muitas vezes de suas eleições para a Academia brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico, representações oficiais no Exterior, participação em colegiados internacionais, designações

---

<sup>5</sup> De acordo com Robério Braga: Seu reencontro mais íntimo com o Amazonas fez-se por caminhos políticos. Getúlio Vargas governava o país, na fase da democracia-constitucional, e em 1952 organizou Comissão Técnica que estudasse a valorização econômica da Amazônia. Arthur Reis a secretariou. Destes estudos resultou a criação da SPVEA - Superintendência do Plano de Valorização da Economia da Amazônia, da qual foi Superintendente por mais de dois anos (1953-1955), quando promoveu com eficiência, programas concretos que visavam o aprofundamento das questões inerentes ao nosso verdadeiro desenvolvimento. Estudou a região, e despertou o interesse de outros estudiosos. Despertou o Brasil para a realidade que a região representa no quadro histórico da vida nacional. Igual postura manteve quando na direção do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), intensificando a formação de uma consciência brasileira sobre a importância da região amazônica, e suas verdadeiras potencialidades. Para ler mais sobre a biografia de Reis ver Robério Braga na Hemeroteca Arthur Reis.

para a Ordem dos Advogados, comendas, etc, e que lhes revertiam lucros materiais e simbólicos.<sup>6</sup>

Se, por um lado, a lusotropicologia não deixou de reverter prestígio para Freyre junto ao poder a partir do personalismo praticado por ele diante de figuras como Arthur Reis e Leandro Tocantins; por outro, apesar da lusotropicologia ter sido afirmada, de acordo com Ribeiro, como sendo uma “policy science” que também teria como [...] “propósito fornecer conhecimentos necessários ao aperfeiçoamento da prática democrática no Brasil e nos demais países lusotropicais” [...] (FREYRE, 1973:49 ) não deixou de representar no campo intelectual e do poder, a manifestação do posicionamento de classe de Freyre. Sobretudo se pensarmos que enquanto ciência ligada ao seu regionalismo representou a idéia de que deveria haver conciliação entre os setores tradicionais e as novas forças sociais emergentes (1930 em diante), em suas respectivas regiões, a partir, segundo Ribeiro, de uma retomada do passado e dos valores tradicionais como fundamentos para uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A formação dos Estudos Culturais se deu através de três intelectuais marxistas (Williams, Hoggart e Thompson) em meados do século XX no cenário inglês, onde os mesmos se desempenharam na preocupação de mudança no conceito de “cultura” para compreender as modificações na cultura dentro da Europa naquele momento de crise política e econômica, e que através de suas obras contribuíram para a formação e adequação desse novo campo do saber. No Brasil nessa área de pesquisa tiveram importantes intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior, esses autores através de suas obras cada um com as suas singularidades analisaram e descreveram a formação da sociedade brasileira. Sobre os estudos culturais na Amazônia percebemos que os autores com sua ótica, expuseram e realizaram análises dessa vasta região amazônica, compreendendo sua formação desde os primórdios num período “colonizador”, outros autores descreveram a paisagem, a fauna e a flora amazônica,

---

<sup>6</sup> Anos mais tarde, na década de 1970, ambos, Freyre e Reis, participariam do Conselho Federal de Cultura.

trazendo informações e contribuições através de seus estudos na região para podermos compreender a formação do nosso regionalismo.

Para concluirmos, por tudo o que foi exposto até aqui neste trabalho, por um lado, percebemos que a recepção, sobretudo da obra lusotropical de Gilberto Freyre por Leandro Tocantins e Arthur César Reis ajudou a legitimar o personalismo, o individualismo e o espontaneísmo de autor ligado à sua obra. Sobretudo ao terem incorporado tais valores às suas obras sobre os problemas regionais amazônicos. Por outro lado, também ajudaram a legitimar o próprio homem Gilberto Freyre, seu posicionamento político e de classe diante do poder regional ao qual estiveram vinculados desde os anos de 1950. Sobretudo, vale ressaltar que, o personalismo de Freyre se postou como representação no campo da lusotropicologia dos valores elitistas de sua formação acadêmica, bem como a manifestação do posicionamento de classe de Freyre, já que enquanto ciência ligada ao seu regionalismo representou a idéia de que deveria haver conciliação entre os setores tradicionais e as novas forças sociais emergentes no país, em suas respectivas regiões, a partir, segundo Ribeiro, de uma retomada do passado e dos valores tradicionais como fundamentos para uma autenticidade da cultura e da vida nos trópicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, Euclides da. **À margem da História**. São Paulo: Martins Claret, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *A Amazônia brasileira e uma possível lusotropicologia*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1964. 45p. Disponível em: <http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/como.htm>. Acesso em: 01 mai. 2010.
- FREYRE, Gilberto. *A primeira reunião, amanhã, do Seminário de Tropicologia*. **Diário de Pernambuco**. Recife, 24 abr. 1966. Disponível em: [http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos\\_imprensa/primeira\\_reuniao.html](http://bvfg.fgf.org.br/portugues/obra/artigos_imprensa/primeira_reuniao.html)>. Acesso em: 15 fev. 2010.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. Ed., Marco Zero, 1994.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classes dirigentes no Brasil**. 1920 a 1945. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel/Difusão Editorial, 1979.

RIBEIRO, Odeney de Souza. **Região e conciliação**. 1999. 129 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 1999.

TOCANTINS, Leandro. **A vida Cultura e Ação**. Artenova, Rio de Janeiro, 1969.

TOCANTINS, Leandro. **Amazônia: Natureza e Tempo**. Biblioteca do Exército/Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1982.

TOCANTINS, Leandro. **Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército 1992.

TOCANTINS, Leandro. **O Rio Comanda a Vida**. Companhia Editora Americana, Rio de Janeiro, 1972.

VELOSO, M. MADEIRA, A. **Leituras Brasileiras: Itinerário no pensamento Social e na Literatura**. SP: Paz e Terra, 1999, Pp.136-161.